

O TOMISMO ANALÍTICO¹.

*Ivanaldo Santos*² - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Resumo: O tomismo analítico é uma expressão do movimento tomista, que nos últimos anos tem procurado interpretar a obra de Tomás de Aquino a partir da metodologia desenvolvida pela filosofia analítica. Essa corrente filosófica propõe introduzir as ideias tomistas dentro da filosofia analítica, sem, no entanto, abandonar nenhum dos elementos centrais do tomismo. O presente estudo tem por objetivo apresentar, de forma introdutória, a origem, o conceito, os principais estudiosos e o que o tomismo analítico se propõe a analisar.

Palavras-chave: Tomismo, Filosofia e Analítica.

Resumen: The analytical Thomism is an expression of the Thomistic movement that have been searching, in the last years, to interpret Thomas Aquinas' work considering the methodology developed by analytic philosophy. This philosophical tendency intends to introduce the thomistic ideas in the analytic philosophy without leaving none of the central elements of Thomism. This paper aims to present, in a introductory way, the origin, the concept, the main scholars and what the analytical thomism searches to analyse.

Palabras-clave: Thomism, Philosophy, Analytic.

1. INTRODUÇÃO.

Há mais de quinze anos, ou seja, desde 1992, a expressão *tomismo analítico* entrou para o rol dos debates filosóficos contemporâneos. Essa entrada se deu tanto dentro do tomismo como em outras correntes de pensamento, notadamente na filosofia analítica. Sendo assim, é possível afirmar que o tomismo analítico é uma tentativa de diálogo entre o tomismo e uma das correntes de pensamento mais atuantes e influentes na filosofia contemporânea, ou seja, a filosofia analítica. A princípio essa tentativa é possível porque a obra de Tomás de Aquino está aberta a dialogar com as

¹ Este artigo foi originalmente apresentado na V Jornada Tomista de Pernambuco realizada no período de 4 a 6 de novembro de 2009 no auditório do departamento de filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Essa jornada foi uma promoção conjunta do Instituto de Pesquisas Filosóficas Santo Tomás de Aquino, do Instituto Salesiano de Filosofia (INSAF) e da UNICAP. Agradeço aos comentários e sugestões realizadas pelo Dr. Paulo Sérgio Faitanin (UFF) e pelo Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (UNICAP).

² Doutor em estudos da linguagem, professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN.

“verdades de qualquer época”³, incluindo o século XX e, por conseguinte, a filosofia analítica.

Sobre o diálogo entre tomismo e filosofia analítica, Enrico Berti afirma: “entre os distintos aspectos que tem assumido o diálogo entre o pensamento de Santo Tomás e o pensamento contemporâneo, parece que o chamado ‘tomismo analítico’ é um dos mais interessantes, porque confronta a filosofia de Tomás com uma das correntes de pensamento filosófico atual”⁴.

De acordo com Fernando Pascual⁵ o tomismo analítico é uma das experiências filosóficas que no final do século XX teve como consequência, de um lado, um renascimento do tomismo e, de outro lado, uma renovação do pensamento intelectual católico. Já para Sixto José Castro⁶ o tomismo analítico é uma experiência de reflexão que conseguiu, dentro do movimento tomista, um êxito maior que, por exemplo, o tomismo hegeliano e o tomismo heideggeriano.

Do ponto de vista do outro lado da reflexão filosófica, ou seja, da filosofia analítica, José Ferrater Mora⁷ enfatiza que, em última instância, essa corrente de pensamento é a mais radical consequência da escolástica. Fundamentado por José Ferrater Mora afirma-se que como Tomás de Aquino foi o grande expoente da escolástica é possível vislumbrar – mesmo que seja apenas um vislumbre – que a filosofia analítica é uma derivação do pensamento do Aquinate.

Todavia, é preciso deixar claro que nem todos os estudiosos e historiadores da filosofia compartilham com o otimismo apresentado por Fernando Pascual, Sixto José Castro e até mesmo José Ferrater Mora. É necessário deixar claro que mesmo que o tomismo analítico seja citado em ambientes puramente tomistas, como, por exemplo, por Ángel Luis González⁸ e Carlos Alberto Cárdenas Sierra⁹, essa corrente do tomismo não é uma unanimidade dentro do tomismo. Alguns estudiosos do tomismo que se esforçam para apresentar a atualidade e os últimos avanços metodológicos e epistemológicos do tomismo, sequer citam o tomismo analítico. Entre esses

³ FAITANIN, P. *A Sabedoria do Amor. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Niterói: Coopergraf, 2008, Coleção Cadernos da Aquinate, n. 2, p. 20.

⁴ BERTI, E. “Il ‘tomismo analítico’ e il dibattito sull’Esse ipsum”, In: BERTI, E. *Nuovi studi aristotelici*. Vol. IV/2, L’influenza di Aristotele. Brescia, Morcelliana, 2009, p. 495.

⁵ PASCUAL, F. “Renovar la filosofía a la luz de la Fe”, In: *Ecclesia*, XXIII, n. 2, (2009), p. 259.

⁶ CASTRO, S. J. “En torno, al tomismo analítico”, In: *Estudios Filosóficos*, v.49, n.º.140, (2000), p. 153.

⁷ MORA, J. F. *A filosofia analítica*. Porto: Rés, 1982, p. 8.

⁸ GONZÁLEZ, Á. L. “A metafísica tomista: interpretações contemporâneas”, In: *Aquinate*, n.º. 7, (2008), p. 50.

⁹ SIERRA, C.A.C. “Aproximación al método analógico tomista”, In: *Hallazgos, Revista de Investigaciones*, n.º. 4, (2005), pp. 60-69.

estudiosos é possível mencionar, por exemplo, Battista Mondin¹⁰, S. T. Bonino¹¹, Enrique Alarcón e Paulo S. Faitanin¹². Esses estudiosos estão imbuídos dos melhores valores éticos e filosóficos. O que eles desejam é demonstrar como o pensamento do Aquinate é atual e quais os avanços do tomismo nas últimas décadas. Entretanto, o fato deles não mencionarem o tomismo analítico é um fator negativo para essa corrente do tomismo.

Só para se ter uma pequena ideia da problemática existente, Eudaldo Forment Giralt é enfático ao afirmar que “há uma autêntica filosofia na obra de Tomás de Aquino”¹³ e que apesar desse fato, a modernidade e, por conseguinte, as diversas correntes de pensamento filosófico derivadas dela, “combate o sistema teológico-filosófico de Santo Tomás, ignorando completamente seu conteúdo, por considerar que esse sistema não possui conteúdo filosófico. Isto acontece porque para o pensamento moderno a filosofia tem que ser totalmente independente de toda teologia sobrenatural e estar emancipada definitivamente de toda tradição e autoridade”¹⁴. De acordo com a argumentação de Eudaldo Forment Giralt é praticamente impossível haver, na modernidade, um tomismo analítico. Isto acontece porque a modernidade deseja produzir – e esse desejo é altamente questionável – um tipo de filosofia totalmente independente da tradição filosófica ocidental, incluindo a tradição tomista.

Dentro do movimento tomista não há um consenso em torno do tomismo analítico. Um bom exemplo disso é a posição adotada pelo tomista Stephen Theron¹⁵. Para Stephen Theron a base da filosofia tomista encontra-se na compreensão do ente como enraizamento último do ser como *actus essendi*. Sendo assim, qualquer versão do tomismo que renuncie a defender o caráter único da rica noção decididamente pré-fregeana do ser em Tomás de Aquino não será mais tomista. Com isso ele descarta a possibilidade de haver um tomismo analítico. Para ele, pensar em um *tomismo analítico* é válido do ponto de vista da reflexão acadêmica, mas é infrutífero do ponto de vista do método filosófico e da aplicação social desse método.

Já o historiador da filosofia Henrique Jales Ribeiro¹⁶ apresenta a origem da filosofia analítica como estando ligada ao pensamento de Frege, do Círculo de Viena e do primeiro Wittgenstein. Além disso, de acordo com Henrique

¹⁰ MONDIN, B. *A grandeza e a atualidade de São Tomás de Aquino*. São Paulo: EDUSC, 1998; MONDIN, B. “L’Attualità de S. Tomasso D’Aquino”, In: *Doctor Communis*, n.º.49, (1996), pp. 27-43.

¹¹ BONINO, S. T. *Saint Thomas au XXe siècle*. Paris: Saint Paul, 1994.

¹² ALARCÓN, E.; FAITANIN, S. P. *Atualidade do tomismo*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2008.

¹³ GIRALT, E. F. *Em torno al tomismo y la modernidad*. Universidad de Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2007, p. 135.

¹⁴ GIRALT, E. F. *Op. cit.*, 2007, p. 136.

¹⁵ THERON, S. “The resistance of thomism to analytical and other patronage”, In: *The Monist*, LXXX, (1997), pp. 611-618.

¹⁶ RIBEIRO, H. J. *Para compreender a história da filosofia analítica*. Coimbra: Minerva, 2001.

Jales Ribeiro pelo menos a primeira geração de filósofos analíticos tinham uma “concepção ahistórica da filosofia”¹⁷, ou seja, percebiam a filosofia como uma arte de discutir e tentar resolver problemas e, por conseguinte, ela não está ligada a um período da história das ideias. A posição apresentada por Henrique Jales Ribeiro, em grande medida, é contrária a posição defendida por José Ferrater Mora.

Como é possível perceber pelo pequeno legue de discussões apresentadas anteriormente o tomismo analítico não é uma unanimidade nem entre os filósofos analíticos e nem entre os próprios tomistas.

Todavia, é preciso perguntar: o que é o tomismo analítico? Qual sua origem? Qual o conceito que lhe orienta? E o que propõe?

É por causa dessas perguntas que o presente estudo tem por objetivo apresentar, de forma introdutória, a origem, o conceito, os principais estudiosos e o que o tomismo analítico se propõe a analisar.

2. PRECURSORES DO TOMISMO ANALÍTICO.

Sinteticamente é possível apresentar cinco grandes fontes de inspiração para o tomismo analítico.

A primeira grande fonte, de acordo com R. Pouivet¹⁸, é o chamado Círculo de Cracóvia que se desenvolveu na Polônia na década de 1930. Esse Círculo era formado principalmente por Józef Bochenski, Jan Salamucha, Jan Drewnowski e B. Sobocinski e tinha por objetivo realizar pesquisas relacionando o desenvolvimento lógico realizado por Frege, Moore e Bertrand Russel com o pensamento de Tomás de Aquino. As pesquisas desenvolvidas pelo Círculo de Cracóvia podem ser enquadradas dentro do tomismo lógico. Apesar dessas pesquisas não serem estritamente analíticas, elas são influenciadas por pensadores que contribuíram para o surgimento e o desenvolvimento da filosofia analítica.

A segunda grande fonte é Peter Geach. De acordo com Mario Micheletti¹⁹ e Enrico Berti²⁰ até mais ou menos o final da década de 1950 eram raras as referências a Tomás de Aquino feitas por filósofos não tomistas e, ainda por cima, analíticos. Essa situação começou a mudar quando no final da década de 1950 o filósofo analítico Peter Geach recorre a Tomás para esclarecer questões de metafísica, de filosofia da mente e de ética.

¹⁷ RIBEIRO, H. J. *Op. cit.*, 2001, p. 46.

¹⁸ POUIVET, R. “Le thomisme analytique, à Cracovie et ailleurs”, In: *Revue Internationale de Philosophie*, LVII, (2003), pp. 251-270.

¹⁹ MICHELETTI, M. *Tomismo analítico*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009, p. 14.

²⁰ BERTI, E. *Op. cit.*, 2009, p. 498.

A terceira grande fonte, segundo Miguel Pérez de Laborda²¹, foi a polêmica que surgiu, em 1954, no jornal católico editado na Inglaterra *The Table* em torno do *Tratado lógico-filosófico* de Wittgenstein. De um lado, estava Philip O’Riordan Smiley que era favorável a Wittgenstein. Para Smiley o pensamento escolástico deveria avançar em direção da precisão e do rigor metodológico próprios da filosofia analítica. Segundo Smiley o próprio Tomás de Aquino apoiaria esse avanço. Do outro lado, encontrava-se Iltyd Trethowan que defendia uma posição tradicional do tomismo. Ele via com ressalvas a proposta de Smiley. Para Trethowan uma aproximação do tomismo com a filosofia analítica, especialmente com Wittgenstein, poderia conduzir a uma secularização do tomismo.

Como consequência da polêmica envolvendo Smiley e Trethowan, o jesuíta inglês Frederick Copleston publica, em 1955, o livro *Aquinas* [Aquino] onde defende a tese que o tomismo pode aprender com a filosofia analítica a proceder suas reflexões com mais rigor. Para ele a aproximação das correntes filosóficas desenvolvidas na Europa e nos EUA, notadamente a filosofia analítica, ajudará o tomismo a manter a precisão e a clareza das ideias. Características que são centrais no pensamento de Tomás de Aquino.

A quarta fonte é a publicação em 1981 do livro *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*²² [A filosofia da linguagem na Idade Média] de Mauricio Beuchot. Neste livro Beuchot apresenta uma versão da história da filosofia da linguagem na Idade Média. A grande inovação da pesquisa realizada por Beuchot é ter demonstrado que muitas das teses e das análises desenvolvidas pelos filósofos analíticos já estavam presentes, mesmo que de forma embrionária, em filósofos medievais como Alberto Magno, Tomás de Aquino, Duns Scot e William de Ockham.

A quinta e última grande fonte é a publicação em 1982 do livro *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy* [História da Filosofia Medieval Tardia de Cambridge] editado por N. Kretzmann, A. Kenny e J. Pinborg. Segundo Sixto José Castro²³ o propósito desse livro é tentar construir uma ponte entre o pensamento medieval e o pensamento contemporâneo e, com isso, retirar a Idade Média do reduto filosófico que havia sido colocada pelos historiadores da filosofia. De um lado, os editores tencionam escrever um livro em que um estudante de filosofia do século XX pudesse facilmente reconhecer as discussões travadas neste século e, de outro lado, um filósofo analítico pudesse compreender os avanços que os medievais realizaram dentro das mesmas questões que são discutidas por essa corrente de pensamento.

²¹ Pérez de Laborda, M. “Tomismo Analítico”, en Fernández Labastida, F. – Mercado, J. A. (editores), *Philosophica: Enciclopedia Filosófica On Line*, URL: http://www.philosophica.info/archivo/2007/voces/tomismo_analitico/Tomismo_Analitico.html. Acessado em 16/06/2009, p. 2.

²² BEUCHOT, M. *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*. México: UNAM, 1981.

²³ CASTRO, S. J. *Op. cit.*, 2000, p. 154.

3. ORIGEM DO TOMISMO ANALÍTICO.

Inicialmente é preciso deixar claro que dentro das quatro grandes fontes de inspiração para o tomismo analítico já existem um diálogo interdisciplinar envolvendo o tomismo e a filosofia analítica.

Todavia, de acordo com pesquisadores como, por exemplo, Mario Micheletti²⁴, Sixto José Castro²⁵ e Enrico Berti²⁶, a expressão *tomismo analítico* foi introduzida dentro do léxico filosófico contemporâneo por John Haldane, quando este proferiu uma série de conferências em 1992 na Universidade de Notre Dame, em Indiana nos EUA. Essa expressão logo se transformou em tema de debates tanto dentro do movimento tomista como da filosofia analítica.

Por causa disso a revista *The Monist* dedicou um número a esse tema em 1997. Número que foi coordenado pelo próprio John Haldane e no qual colaboraram filósofos analíticos como Hilary Putnam e tomistas como, por exemplo, John Lamont, Robert Pasnau, Jonathan Jacobs e Stephen Teron. A intenção de John Haldane é que o tomismo analítico seja um canal de diálogo entre tradições filosóficas diferentes, na qual as ideias elaboradas pela tradição tomista possa realizar uma interface com o método oriundo da tradição analítica.

Em 1999 a revista *New Blackfriars* também publica um número dedicado ao tomismo analítico. Neste número aparece o famoso artigo de John Haldane: *Thomism and the Future of Catholic Philosophy*²⁷ [O tomismo e o futuro da filosofia católica]. Este artigo tornou-se famoso porque foi muito divulgado nos círculos de intelectuais católicos da Europa e dos EUA. Nele John Haldane defende a tese que atualmente uma das possibilidades concretas de desenvolvimento e de crítica social dentro da filosofia católica é o tomismo analítico.

Além dos números publicados, respectivamente, nas revistas *The Monist* e *New Blackfriars*, houve toda uma discussão em torno do tomismo analítico. De um lado, há os pensadores que apresentam a incompatibilidade entre o tomismo e a filosofia analítica como, por exemplo, B. J. Shanley²⁸, o qual no artigo *On Analytical Thomism* [Sobre o tomismo analítico] afirma que um tomismo analítico é impossível, porque ambas as tradições possuem objetivos e métodos diferentes. Do outro lado, existem pensadores que estão mais abertos a um diálogo entre as duas tradições. É o caso, por exemplo, de F.

²⁴ MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009, p. 9.

²⁵ CASTRO, S. J. *Op. cit.*, 2000, p. 155.

²⁶ BERTI, E. *Op. cit.*, 2009, p. 495.

²⁷ HALDANE, J. "Thomism and the Future of Catholic Philosophy", In: *New Blackfriars*, 80, (1999), pp. 158-161.

²⁸ SHANLEY, B. J. "On Analytical Thomism", In: *The Thomist*, 63, (1999), pp. 125-137.

Kerr²⁹, para o qual, ambas as tradições não são mutuamente excludentes. Elas podem dialogar e até mesmo conseguirem uma síntese proveitosa para ambas.

Lentamente o debate vem se espalhando pela Europa, EUA e outras regiões do planeta. Apenas para se ter uma pequena amostra de como esse debate tem se espalhado, em 2001, Ted Honderich citou a expressão *tomismo analítico* na conceituada *Enciclopédia Oxford de Filosofia*³⁰ e em 2004 a revista italiana *Iride* publicou um número dedicado ao tomismo analítico. Esse número contém artigos de pensadores que se apresentam como tomistas analíticos como, por exemplo, Mario Micheletti, F. Kerr e o próprio John Haldane. Em 2006 é publicado um livro organizado por um filósofo tomista, Matthew S. Pugh, e um filósofo analítico, Craig Paterson, cujo título é *Analytical Thomism. Traditions in Dialogue*³¹ [Tomismo analítico. Tradições em diálogo]. Em 2007, Mario Micheletti publica o livro *Tomismo analítico*³², o qual é a primeira obra que versa sobre as origens e as principais discussões realizadas sobre a obra de Tomás de Aquino a partir da filosofia analítica. E em 2007, Miguel Pérez de Laborda publica *Tomismo analítico*³³, onde apresenta um panorama do desenvolvimento da colaboração e dos impasses existentes entre o tomismo e a filosofia analítica.

Além dessas publicações é preciso enfatizar que em 2004 o *Ateneo Pontificia Regina Apostolorum*³⁴, em Roma, dentro da programação do *master* de ciência e fé, ofereceu um curso de extensão sobre o tomismo analítico e em 2009 a *Pontificia Universidad Católica da Argentina*³⁵ também ofereceu um curso de extensão com a mesma temática. Como é possível perceber por todos os exemplos citados o tomismo analítico lentamente está entrando dentro das discussões oficiais da filosofia realizadas dentro do ambiente universitário.

4. O CONCEITO DE TOMISMO ANALÍTICO.

Jonh Haldane – o criador da expressão *tomismo analítico* – define o tomismo analítico como sendo o “movimento que emprega os métodos e ideias da filosofia analítica para compreender o pensamento de Tomás de

²⁹ KERR, F. “Aquinas and Analytic Philosophy: Natural Allies?”, In: *Modern Theology*, 20, (2004), pp. 123-139.

³⁰ HONDERICH, T. (Editor). *Enciclopedia Oxford de Filosofia*. Tecnos: Madrid, 2001, p. 1111.

³¹ PATERSON, C.; PUGH, M. S. (eds). *Analytical Thomism. Traditions in Dialogue*. Alderhot: Ashgate, 2006.

³² MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009.

³³ PÉREZ DE LABORDA, M. *Op. cit.*, 2007.

³⁴ ATENEO PONTIFICIA REGINA APOSTOLORUM. *El tomismo analítico*. Master en Ciencia y Fe. Programa de estudios, curso 2004/2005. Roma.

³⁵ PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATOLICA ARGENTINA. *El tomismo analítico*. Facultad de Filosofía y Letras. Actividades de Extensión - Departamento de Filosofía. Buenos Aires: Argentina, 2009.

Aquino”³⁶. Além disso, ele³⁷ afirma que o tomismo analítico é uma ampla postura filosófica que põem em relação o estilo e as preocupações da recente filosofia anglo-americana e os conceitos e as temáticas compartilhadas por Tomás de Aquino.

Para John Haldane³⁸ o tomismo analítico propõe introduzir as ideias tomistas dentro da corrente circulatória do pensamento contemporâneo, adaptando-as, remodelando-as, sem, no entanto, abandonar nenhum dos elementos centrais do tomismo. Para ele, o tomismo analítico pretende retomar as intuições tradicionais do tomismo como, por exemplo, a metafísica e a ética. Entretanto, essa corrente do tomismo pretende ficar um pouco distante do aparato argumentativo desenvolvido pelo tomismo tradicional, ou seja, o tomismo desenvolvido no período que compreende os séculos XIII ao XV. O que essa corrente deseja é compreender e até mesmo interferir no mundo contemporâneo. Todavia, deseja alcançar esse objetivo por meio das técnicas da filosofia anglo-saxônica contemporânea conhecida pelo nome de *filosofia analítica*. John Haldane identifica a filosofia analítica como sendo a filosofia desenvolvida no século XX em Oxford e Cambridge e em outros centros de estudos da Grã-Bretanha e também dos EUA como, por exemplo, Princeton, Harvard e Yale.

Neste sentido John Haldane se aproxima da posição de Paul Strathern³⁹, o qual defende a tese que Tomás de Aquino seria talvez o único filósofo a “romper com a grande tradição filosófica do fracasso”⁴⁰, ou seja, a obra do Aquinate não estaria presa a uma época histórica, a Idade Média, e a uma estrutura argumentativa, neste caso a escolástica. Nesta perspectiva Tomás de Aquino teria produzido uma obra universal, que pode ser utilizada por todos os filósofos, em todas as épocas históricas, em todas as culturas e correntes de pensamento filosófico.

Segundo John Haldane⁴¹ a grande característica da filosofia analítica é o modo de raciocinar, o rigor e a precisão metodológica. Ele vislumbra essa característica na obra do Aquinate. Esse vislumbramento é realizado por meio de três argumentos.

Primeiro, apesar de Tomás de Aquino não ter escrito um tratado onde expôs sua teoria da linguagem, em sua obra “encontramos uma profunda

³⁶ HALDANE, J. “Analytical Thomism: A Prefatory Note”, In: *The Monist*, 80, (1997), p. 486.

³⁷ HALDANE, J. “Analytical Thomism”, In: HONDERICH, T. (ed.). *The Oxford Companion to Philosophy*. Oxford University Press: Oxford, 2005.

³⁸ HALDANE, J. *La superficialidad consumista*. Disponível em <http://www.conelpapa.com/dossier/politica4.htm>. Acessado em 10/10/2009, 2009, p. 4.

³⁹ STRATHERN, P. *São Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁴⁰ STRATHERN, P. *Op. cit.*, 1999, p. 7.

⁴¹ HALDANE, J. “Afterword. Analytical Thomism: How We Got, Why It Is Worth Remaining and Where We May Go to Next”, In: PATERSON, C.; PUGH, M.S. (eds). *Analytical Thomism. Traditions in Dialogue*. Alderhot: Ashgate, 2006.

análise filosófica da linguagem”⁴². Análise que, em grande medida, é compatível com as reflexões realizadas pelos filósofos analíticos no século XX.

Segundo, nas universidades medievais, durante a época das grandes sumas (século XIII ao XV), as diversas questões (Deus, alma, bondade, razão, linguagem, política, etc.) eram debatidas com um rigor e precisão metodológica semelhante ao que é utilizada pela filosofia analítica. Entre os escolásticos, especialmente Tomás de Aquino, havia uma postura realista e de defesa da verdade e da objetividade dos argumentos. Essa mesma postura encontra-se na filosofia analítica.

Terceiro, de acordo com Mario Micheletti⁴³, muitos analíticos (Ryle, Austin, Anscombe, Foot, etc.) foram grandes estudiosos de Aristóteles e, portanto, em muitas ocasiões se preocuparam com problemas semelhantes aos dos tomistas. Mesmo sem haver um planejamento oficial, tomistas e filósofos analíticos, em grande medida, caminharam lado a lado na direção de buscarem em Aristóteles a fonte originária de muitos dos seus temas de pesquisa como, por exemplo, questões de filosofia da mente e de psicologia moral.

5. O TOMISMO ANALÍTICO.

De acordo com A. J. Lisska⁴⁴ o tomismo analítico não se apresenta – até o presente momento – como uma escola ou uma corrente de pensamento. Mas, como uma metodologia filosófica que utiliza os instrumentos da filosofia analítica para esclarecer o sentido dos argumentos que se encontram nos textos da filosofia medieval e particularmente em Tomás de Aquino, com a convicção de que os textos do Aquinate permitem e, em certos casos, exigem uma explicação congruente com as expectativas de filósofos ligados a filosofia analítica.

É por esse motivo que os principais temas discutidos pelos tomistas analíticos são uma interface entre o tomismo e a filosofia analítica. Entre esses temas é possível citar: a intencionalidade, a mente⁴⁵, a ação, a ética, a antropologia filosófica, a causalidade e o essencialismo.

Entretanto, como bem salienta Mario Micheletti, os tomistas analíticos usam dos recursos argumentativos e metodológicos oriundos tanto do

42 FAITANIN, P. A filosofia da linguagem tomista. IN: *Instituto Aquinate*. Disponível em <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-a-filosofia-da-linguagem-tomista.htm>. Acessado em 29/10/2009, p. 1.

43 MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009, 12-13.

44 LISSKA, A. J. *Aquinas's Theory of Natural Law. An analytic Reconstruction*. Clarendon Press: Oxford, 1996.

45 Com relação ao estudo da mente numa perspectiva do tomismo analítico recomenda-se consultar: KENNY, A. *Tomás de Aquino y la mente*. Barcelona: Herder, 2000.

tomismo como da filosofia analítica para “tratarem de problemas filosóficos contemporâneos”⁴⁶. Entre esses problemas cita-se: o aborto, a eutanásia, a relação mente e corpo, a existência de Deus e a dignidade da pessoa humana.

Fundamentado por John Haldane, Mario Micheletti⁴⁷ divide a tomismo analítico em dois grandes grupos. O primeiro é o grupo ligado diretamente a filosofia produzida na Grã-Bretanha e em especial nas universidades de *Oxford* e *Cambridge*. Esse grupo é formado, em sua essência, por Elizabeth Anscombe, Peter Geach e Anthony Kenny. O segundo grupo é representado principalmente por estudiosos de orientação norte-americana que se formaram na *Cornell University*, sob a orientação de Norman Kretzmann, e na *Universidade de Notre Dame*, na escola de Ralph McInerny.

Todavia, estes dois grupos compartilham a máxima central do tomismo analítico, ou seja, de um lado, ser uma metodologia filosófica que utiliza os instrumentos da filosofia analítica para esclarecer o sentido dos argumentos que se encontram nos textos de Tomás de Aquino e, por outro lado, discutirem os problemas filosóficos contemporâneos.

6. CONCLUSÃO.

Apesar de alguns estudiosos do tomismo analítico – incluindo seu fundador, John Haldane – afirmarem que o mesmo é apenas uma abordagem metodológica da obra de Tomás de Aquino e também de problemas filosóficos contemporâneos e, portanto, não se trata de uma nova escola ou corrente nem do tomismo e nem da filosofia contemporânea, existem muitas perguntas ainda a serem respondidas.

Entre essas perguntas é possível citar: o tomismo analítico é um conjunto que abarca áreas correlatas do tomismo como, por exemplo, o tomismo lógico⁴⁸, o tomismo russelliano e o tomismo wittgensteiniano? O

⁴⁶ MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009, 14.

⁴⁷ MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009, 13-14.

⁴⁸ Sobre a lógica desenvolvida pelos escolásticos, I. M. Bochenski afirma que eles “redescobriram a lógica das proposições e a desenvolveram de forma notável, discutiram a lógica trivalente, e a semântica por eles desenvolvida é tão bem arquitetada que, em alguns tópicos, talvez não tenhamos ainda atingido seu nível de elaboração” (BOCHENSKI, I. M. “Problemas e perspectivas da história da lógica”. Tradução e notas de Paulo Alcoforado. In. *Aquinate*, n. 7, (2008), p. 169.). Sobre a lógica em Tomás de Aquino, I. M. Bochenski afirma: “assinale-se também que não existe [no ano de publicação do artigo, ou seja, 1949], mesmo na imensa literatura tomista, um único trabalho sério sobre a lógica formal do fundador da Escola” (BOCHENSKI, I. M. *Op. cit.*, 2008, p. 177). Sobre a lógica em Tomás de Aquino recomenda-se consultar: SCHMIDT, R. W. *The Domain of Logic according to Saint Thomas Aquinas*, The Hague: Nijhoff, 1966, onde há uma detalhada bibliografia do assunto. Além disso, recomenda-se consultar: RODRÍGUEZ, J. L. F. *Metafísica y lógica: estudios sobre Tomás de Aquino*. Universidad de Navarra: Navarra, 1991.

tomismo analítico é mais uma face ou etapa do neotomismo? O tomismo analítico é a consequência mais radical da filosofia analítica? Ou o tomismo analítico é uma sobrevida da filosofia analítica?

No momento essas perguntas ficam em aberto. Elas podem se tornar o início de futuras pesquisas sobre o tomismo analítico. No momento, juntamente com Mario Micheletti⁴⁹, afirma-se que o que importa aos tomistas analíticos é a força argumentativa das teses de Tomás de Aquino e a sustentabilidade racional delas, uma vez que são justamente o processo argumentativo e o rigor racional que tornam o pensamento do Aquinate semelhante ou ao menos compatível com a tradição da filosofia analítica.

⁴⁹ MICHELETTI, M. *Op. cit.*, 2009, 23.